



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 74

Avenida da Liberdade

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Em 1755, Lisboa foi destruída por um terremoto. Essa parte, talvez você tenha ouvido falar. O sismo foi enorme. Era o dia de Todos os Santos, e muita gente morreu em igrejas que desabaram em plena missa. Primeiro, foi a terra. Depois, veio a água porque o terremoto foi seguido por um tsunami – ondas enormes que subiram o rio Tejo e engoliram tudo no caminho. Depois, o que não foi destruído pelos tremores ou pela água pegou fogo.

O terremoto de Lisboa foi um trauma imenso – não só pra Portugal, mas pra Europa toda. Teve um debate sobre se aquilo era algum tipo de castigo divino... deu muito pano pra manga pros filósofos da época. Mas o que eu não sabia – e o que pouca gente sabia, até recentemente – é que esse evento chegou a sacudir até o Brasil. Não foi o terremoto em si. Mas aquela onda que subiu o Tejo também se irradiou em todos os sentidos. E naquele mesmo dia primeiro de novembro, o mesmo tsunami também atingiu a costa da Paraíba. A onda era menor, claro, depois de atravessar o oceano Atlântico. Mas ela levou algumas casas, e algumas pessoas também.

No programa de hoje, a gente tem outra história de uma onda que sacudiu o Atlântico inteiro – e que anda meio esquecida também. Quem trouxe pra gente foi a Gisele Lobato.

Gisele Lobato: Eu já tava morando em Lisboa fazia uns três anos quando eu resolvi comprar um barzinho pra minha sala. Sabe aquele movelzinho pequeno pra guardar vinho? Aí eu joguei na OLX, e de cara apareceu um que era perfeito. Ele era quadrado, com pés palito... E tava custando só 20 euros. Isso dava uns 80 reais na época, em agosto de 2016.

Eu levei aquele móvel pra casa com a certeza que eu tinha feito o melhor negócio do mundo. Bom, você já deve imaginar que tinha alguma coisa errada, né? Eu não tinha reparado, mas o barzinho tava torto, tipo uma Torre de Pisa. Aí eu virei o móvel pra olhar debaixo dele, tentando investigar qual era o problema...e do nada abriu uma gaveta que eu nem sabia que existia. Essa gaveta tava meio camuflada na marcenaria, e ela era tão discreta que acho que nem quem me vendeu o barzinho sabia que ela tava ali. Porque ela tava lotada de papéis antigos.

Eu tava em Portugal fazendo um doutorado em História, então você pode imaginar que eu fiquei mais feliz com a gaveta do que com o barzinho, né? De cara eu entendi que aquela era uma autêntica gaveta da bagunça. Sabe aquela gaveta onde a gente guarda o panfleto da pizzeria com a promoção que nem tá valendo mais? Pois é, alguém tava sem limpar aquela gaveta desde os anos 70. E tinha um monte de coisa meio inútil ali. Tinha uns cadernos de escola, uns formulários de visto pra viagem... Eu fiquei ali tentando imaginar de quem eram aquelas coisas. Quem tinha ficado 50 anos sem limpar a gaveta! E eu tava nessa viagem quando eu encontrei um cartaz.

Era um cartaz grande, de papel jornal, que tinha uma faixa verde e outra vermelha, as cores da bandeira de Portugal. No pé da página, dizia: "Otelo, na presidência um amigo". E, no meio, tinha uma foto em preto e branco de um homem de sobrelha grossa... de cílios compridos... e com um sorriso meio malandro. Por um lado, aquele homem era terrivelmente familiar pra mim. E, não, não só porque eu obviamente sabia quem ele era. Doutoranda em História, lembra? Ia pegar muito mal pra mim se eu não soubesse que aquele era o Otelo Saraiva de Carvalho, um dos líderes da Revolução dos Cravos. Mas ver o retrato no cartaz grande, assim... do rosto quase em tamanho natural... foi terrivelmente familiar porque eu tinha conhecido pessoalmente o Otelo. Eu tinha passado algumas horas entrevistando ele dois anos antes de encontrar aquele cartaz. Só que, se por um lado eu sabia que aquele cara ali do cartaz era o mesmo Otelo Saraiva de Carvalho que eu entrevistei, aquela foto, naquele cartaz tão preservado de 40 anos antes... ela me mostrava uma outra pessoa.

É que o Otelo que eu conheci era um senhorzinho de idade, já um tanto pessimista. E dava pra ver – só de olhar – que aquele Otelo da foto tinha certeza de que tudo era possível. A gente que vive essa vida de pagar boleto, de rir de meme, de ouvir podcast... a gente não tem ideia de como é viver num tempo de utopia. A gente mal sabe o que é sonhar com uma revolução. Imagina fazer uma revolução! Aquele Otelo da foto, ele vinha de um passado que – por mais que eu estude – é estranho pra mim. Na verdade, todo passado é meio que um estranho, né? E talvez por isso

a gente tenha medo de olhar pra ele. Até aqui no Brasil, vira e mexe aparece alguém querendo fugir do passado. Dizendo coisas tipo: “Não é bom ficar remoendo a História, vamo tocar o país para frente”.

Mas e se a história pudesse ser também uma janela pro futuro? Ou, pelo menos, para um futuro sonhado? E se eu te contar que teve um tempo em que a gente olhou pro Otelo, pra Revolução que ele ajudou a fazer e pensou: será que a gente também pode sonhar?

Fado Tropical - Chico Buarque

Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal

Ainda vai tornar-se um imenso Portugal

Gisele Lobato: O cartaz que eu encontrei no meu móvel-bar era da campanha das eleições portuguesas de 1976, quando o Otelo foi candidato a presidente e ficou em segundo lugar. Mas foi a Revolução dos Cravos que fez o Otelo ficar famoso no mundo todo. É que ele, com outros militares portugueses, no dia 25 de abril de 1974, acabou com quase meio século de ditadura em Portugal. Eu tinha entrevistado o Otelo para uma reportagem que eu publiquei na Folha de São Paulo em 2014, quando a Revolução dos Cravos completou 40 anos. Foram horas de conversa. Ele me falou da infância dele em Moçambique, onde ele nasceu, quando o país ainda era uma colônia de Portugal. Ele falou do sonho dele de ser ator, e de como ele acabou desistindo pra seguir carreira militar. E, claro, ele também me contou como um punhado de oficiais de baixa patente, cansados de uma guerra que pra eles não fazia o menor sentido, organizou um movimento clandestino... e acabou com uma ditadura que muita gente já tinha tentado derrubar, mas ninguém tinha conseguido.

Otelo Saraiva de Castro: E levanta-se esse jovem capitão de transmissões, Jorge Golias, que disse: “Eh, pá, em minha opinião, nós estamos aqui a tratar dos papéis, e tal, e fazer manifestos, abaixo-assinados, tal... Isto não vai dar nada. O que interessa é nós irmos para a porrada. Agarrar em armas para derrubar o governo”. É, pá, foi um escândalo!

Gisele Lobato: Esse é o Otelo, lá na entrevista de 2014. Não sei se você consegue entender o sotaque dele. Eu sou de família portuguesa, morei um tempo em Portugal, pra mim é fácil. Mas muitos amigos brasileiros têm dificuldade, então, pra garantir, eu vou dar uma resumida no que ele fala. Aqui ele tava falando de uma das reuniões do movimento dos capitães, que foi quem planejou a Revolução dos Cravos. A gente já vai falar mais disso.

Mas voltando um pouquinho mais. Quando o Otelo nasceu, Portugal já era uma ditadura fazia dez anos. O país tinha sofrido um golpe em 1926, e, dois anos mais tarde, os militares que tomaram o poder escolheram um professor da Universidade de Coimbra pra ser o ministro das finanças: o António de Oliveira Salazar. O Salazar conseguiu dar um jeito nas contas públicas, e acabou ganhando uma imagem de

salvador da pátria. Daí pra ele se tornar o homem mais poderoso de Portugal foi um pulo.

A ditadura do Salazar ficou conhecida como "Estado Novo". Sim, o mesmo nome da ditadura do Getúlio Vargas, que também começou na década de 30. Tavam na moda as ditaduras populistas e com diferentes nuances de fascismo, né? Lembrando que Hitler e Mussolini também tavam no poder. O governo do Salazar era autoritário, nacionalista, com censura, repressão... o lema do Salazarismo era "Deus, pátria e família". Acho que você já ouviu isso em algum lugar, né? Só que, apesar desse flerte do Salazar com o fascismo, ele conseguiu fazer um rebranding depois da Segunda Guerra Mundial.

Ele apostou mais na imagem de conservador cristão, um cidadão de bem... Mas acima de tudo, um anticomunista. E vamos combinar que esse era um ótimo reposicionamento de marca, né? Porque ser anticomunista pegava super bem na Guerra Fria. Quer dizer: com um dos lados dela... Mas, enfim, com isso o tempo foi passando, o Salazar foi ficando no poder. E foi só nos anos 60 que alguém falou: "Esse homem tá aqui ainda?" O que fez o mundo olhar de novo pro Salazar foi a descolonização da Ásia e da África. É que Portugal – que tinha várias colônias – bateu o pé e disse que não ia dar independência pra ninguém. Quer dizer, faltou combinar com os indianos, que em 61 anexaram o território de Goa e deixaram o Salazar esperneando na ONU, mas ninguém deu muita bola pra ele. E também faltou combinar com os africanos, né? Que resolveram pegar em armas depois de séculos de exploração. A guerra começou em Angola, em 1961 e dali se espalhou pra Guiné, em 63, e, no ano seguinte, pra Moçambique. Se você já viu algum filme sobre a guerra do Vietnã, você sabe que uma guerra de guerrilhas não é exatamente fácil. E se até os americanos tomaram um cacete, imagina a situação de Portugal: um país rural, pequeno, pobre que de repente tava metido em três Vietnãs ao mesmo tempo.

O mundo todo olhou pra aquilo e achou que era o fim do Salazar. Mas a verdade é que ele até ganhou alguma popularidade no começo. Ele fazia aqueles discursos ufanistas, falando que era preciso salvar a pátria dos comunistas. Acho que você também já ouviu isso em algum lugar, né? Portugal mandou centenas de milhares de homens pra guerra. Os números variam bastante, mas foram recrutados pelo menos 800 mil militares. Tem estatística que chega a falar em quase 1 milhão de meio de combatentes. Muitos deles não tinham nenhuma relação com a África. Eram filhos de camponeses, de operários, de gente que acabava virando bucha de canhão pra garantir que uma meia dúzia de empresários ia continuar ganhando dinheiro com as colônias.

E foi por depender dessa elite que o Salazar insistiu na guerra. Ele sabia que, sem esse apoio, ele ia cair. E de fato ele acabou caindo – mas ele caiu foi de uma cadeira. O Salazar sofreu um AVC em 68 e ficou sem condições de governar. Quer dizer, na cabeça dele ele continuou governando. Era meio ridículo, porque, até o homem morrer, os ministros tiveram que ficar fazendo reuniões de mentirinha com ele. Foram dois anos enganando o Salazar, pra ele achar que ele ainda era ditador.

Mas, nessa altura, o poder já tinha passado para um discípulo dele: um professor de direito chamado Marcello Caetano. Só que a única coisa que mudou foi o nome do ditador, mesmo, porque todo o resto ficou basicamente igual – incluindo as guerras.

Acho que eu nem preciso dizer quão brutais essas guerras foram pros africanos, né? Tem gente que fala em 45 mil mortos, mas esse número pode tá subestimado. Fora todo o legado de violência, que se refletiu por décadas na história desses países. Mas, além dos africanos, os próprios portugueses já não aguentavam mais. Os militares de carreira, como o Otelo, ficavam indo e voltando da África por causa da guerra. Foram 13 anos assim.

Eu falei que o Otelo nasceu em Moçambique, né? Ele era de uma família branca, de classe média, e ele tinha uma noção de como a vida nas colônias era muito diferente do que a propaganda do governo dizia. Mas a guerra obrigou ele a se embrenhar no interior da África – onde tavam as pessoas que mais sofriam com aquela situação. Ele entendeu que não dava para continuar com aquela guerra. Além disso, os militares já tavam de saco cheio... E a gota d'água foi um decreto de 1973 que dificultava a promoção desses militares. Foi por causa desse decreto que alguns oficiais mais jovens começaram a organizar umas reuniões secretas pra discutir o que que eles podiam fazer.

O grupo era formado principalmente por capitães – daí que eles ficaram conhecidos como "o movimento dos capitães". Mas o Otelo, por exemplo, não era capitão, ele era major. O que tinha de comum entre esses oficiais é que eles não tinham tanto poder na hierarquia – mas eles tinham motivos de sobra para reclamar de quem tava no topo. E não demorou pra essa mobilização virar uma coisa maior. Primeiro, contra a guerra. E, depois, contra a própria ditadura.

Otelo Saraiva de Castro: Então nós estamos aqui à espera de que o governo, finalmente, tenha a consciência de que esta guerra não pode ser ganha pela via militar, pela força das armas, e tem que ser encontrada uma solução política que vai ter com certeza a autodeterminação destes povos e a independência.

Gisele Lobato: O Otelo me contou que, naquela altura, ninguém acreditava mais que era possível ganhar a guerra pelas armas. Na verdade, os portugueses não admitiam, mas eles tavam tomando um pau na Guiné, e a situação tava complicada também no norte de Moçambique. Só em Angola as coisas pareciam sob controle. Mas por quanto tempo? Quanta gente mais ia ter que morrer?

Em fevereiro de 1974, um general chamado António de Spínola publicou um livro defendendo que a única saída pra guerra era política. Que não dava pra vencer com tanques. O Spínola e o chefe dele, o general Costa Gomes, acabaram exonerados. Esse episódio deixou os capitães ainda mais revoltados. No dia 16 de março, um grupo deles resolveu marchar na direção de Lisboa e... derrubar o governo. Só que essa primeira tentativa de golpe, chamada de Levante das Caldas, foi super mal

organizada. Só um regimento se rebelou. E o governo, rapidinho, conseguiu reagir e prender todo mundo.

O Otelo, nessa altura, já era uma das lideranças dentro do movimento dos capitães. Tinham outras, e cada uma teve seu papel da revolução. O papel do Otelo foi de ser comandante operacional. E, se ele conseguiu montar uma estratégia pra tirar a revolução do papel, foi porque ele aprendeu com os erros do Levante das Caldas. O Otelo observou o levante de longe. E ele reparou que o governo tinha mandado todas as forças possíveis pra conter os rebeldes. Tavam todas as polícias. Vários batalhões... Foi aí que ele teve uma ideia. Ele pensou que, se tivesse uma coluna militar bem grande, bem chamativa...

Otelo Saraiva de Castro: Essa coluna vai servir de isca e vai atrair essas forças governamentais todas.

Gisele Lobato: Imagina uma fila de tanques chegando por uma das principais avenidas de Lisboa, a Avenida da Liberdade. Esses tanques todos iam estacionar bem no centro da cidade, fazendo o maior auê. O governo, claro, ia mandar todo mundo pra lá, né? Mas aí é que tá. Quando isso acontecesse, as outras unidades rebeldes iam ficar livres pra poder prender os comandantes, tomar o aeroporto, ocupar os prédios do governo... Enfim, fazer tudo aquilo que era realmente útil numa revolução.

Então, eles tinham um plano. Só que, pra isso dar certo, o governo tinha que ser pego de surpresa. Então os capitães pararam de fazer reuniões, fingiram que o movimento rebelde tinha morrido. Em 40 dias, o Otelo desenhou o plano de operações e foi distribuindo uma missão pra cada unidade. Era tudo no boca a boca. Os conspiradores também conseguiram montar escutas e construir linhas de comunicação. Eram muitos os oficiais envolvidos nisso. Mas, pra tudo dar certo, eles precisavam confiar que ninguém ia amarelar no dia marcado. Porque se só um ou dois grupos saíssem do quartel, o governo ia acabar com a festa de novo. Tinha que sair todo mundo ao mesmo tempo. Pode até parecer fácil, mas pensa que não tinha um grupo de zap pra dizer: “Olha, galera, tô pedindo o Uber aqui, bora?”

Pra coordenar esse movimento, os capitães armaram um esquema com emissoras de rádio, pra transmitir as duas senhas da revolução. A primeira delas era uma música bem romântica, de que ninguém ia desconfiar quando tocasse no rádio. Ela se chama “E Depois do Adeus”:

E Depois do Adeus

Quis saber quem sou, o que faço aqui

Quem me abandonou, de quem me esqueci

Gisele Lobato: Quando essa música tocou na rádio, por volta das 11 da noite do dia 24 de abril, os capitães souberam que ninguém tinha abandonado eles. Tava chegando a hora. À meia noite e vinte, já no dia 25, tocou uma outra música na rádio. Era a senha final. Já não dava mais pra voltar atrás:

Grândola, Vila Morena
Grândola, Vila Morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade

Gisele Lobato: Os capitães derrubaram o governo do Marcello Caetano. A população foi pra rua, pra comemorar. Uma mulher resolveu distribuir cravos pros soldados e eles colocaram as flores no cano das espingardas. Era a Revolução dos Cravos.

Grândola, Vila Morena
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, Vila Morena

Gisele Lobato: Eu tenho um amigo no Rio de Janeiro que todo dia 25 de abril bota essa música pra tocar bem alto na janela. Então, se você tiver na Tijuca e ouvir “Grândola, Vila Morena”, você já sabe que foi o meu amigo Leo quem colocou.

“Grândola” foi escrita pelo Zeca Afonso, um compositor português que teve muitos problemas com a censura. A inspiração dele pra letra veio do contato com operários quando ele foi tocar na vila de Grândola, no Alentejo. Só pela origem da música a gente já desconfia que ela é claramente política. Aí a gente repara na letra, e isso fica óbvio. Mas a gente sabe que os censores são meio toscos. Eles liberaram a música porque não conseguiram captar a mensagem política numa letra que diz: “O povo é quem mais ordena”. Sutil, né? Esse tipo de lapso acontece até nas melhores ditaduras. E, bom, essa música virou um hino da resistência ao salazarismo. Mas “Grândola” não é a única música que a gente lembra quando pensa na Revolução dos Cravos.

Maria do Carmo: "Lá faz primavera faz, cá estou doente, manda urgentemente um raminho de alecrim".

Gisele Lobato: O Chico Buarque gravou uma música chamada “Tanto Mar” em 1975. Quer dizer: a primeira versão dela. O Chico fez essa música porque a vitória dos capitães lá em Portugal marcou muito a geração dele. É que a revolução tinha dado um pouquinho de esperança pra quem já tava há uma década lutando contra a ditadura no Brasil.

Maria do Carmo: Meu nome é Maria do Carmo Brito, tenho 81 anos. Comecei a militância política aos 16, meio que seguindo os passos da minha mãe, que era presidente de Federação de Mulheres, de Servidores Públicos. Tinha uma grande atividade política. Na luta armada eu me chamo Lia, fui da VPR, Var-Palmares... Dirigente, tenho até vergonha de dizer, mas como é

muito raro mulher dirigente de organização armada, é melhor dizer. Pronto, apresentei.

Gisele Lobato: A Maria do Carmo foi um dos principais nomes da luta armada no Brasil – e isso não é um exagero. Ela foi braço direito do Carlos Lamarca e comandou a ex-presidente Dilma Rousseff na guerrilha. Se a gente não ouviu muito falar dela, é porque a história não costuma dar muito espaço pras mulheres, né? A vida pessoal e a militância da Maria do Carmo sempre tiveram muito misturadas. O primeiro marido da Maria do Carmo foi outro guerrilheiro, o Juarez Guimarães de Brito. Eles tavam juntos quando caíram numa emboscada em 1970.

Os dois tinham ido encontrar um companheiro chamado Wellington Moreira Diniz. O Wellington tinha faltado num outro encontro, e o casal tava meio preocupado. Eles combinaram numa esquina no bairro do Jardim Botânico, no Rio. A Maria do Carmo e o Juarez chegaram de fusca e viram o Wellington dentro de um jipe. Só que não tava tudo bem. Dias antes, o Wellington tinha sido pego. Ele foi preso, torturado. Ele apanhou tanto, que durante décadas ele se culpou por ter falado mais do que queria. Mas há alguns anos uma historiadora descobriu que não foi ele quem entregou os amigos. Tinha um infiltrado passando informações sobre o Juarez. O Wellington tava só servindo de isca naquele encontro. Ele tava algemado e até tentou passar um sinal, mas já era tarde. A Maria do Carmo e o marido foram cercados por uns 30 policiais. O Juarez foi baleado no braço e no abdômen – mas ele ainda teve tempo de arrancar o revólver da mão da Maria do Carmo e dar um tiro no próprio ouvido.

O Juarez tinha 32 anos quando ele morreu. A Maria do Carmo não conseguiu fugir. Ela foi presa e torturada por dois meses. Ela só saiu viva da prisão porque o nome dela foi incluído numa lista de prisioneiros trocados pelo embaixador alemão, que tinha sido sequestrado pelos guerrilheiros. A Maria do Carmo acabou indo pro Chile, que naquela época era governado pelo Salvador Allende. Mas você sabe que essa história não tem final feliz, né? Em 1973, o general Augusto Pinochet deu um golpe lá também. O Allende não quis se entregar. Quando ele viu que ele tava cercado, ele se suicidou. Ele fez igual o Juarez.

O golpe no Chile aconteceu quando o Brasil tava saindo do período mais duro da repressão. Milhares de brasileiros tinham fugido pra Santiago. E esses milhares de brasileiros tiveram que fugir de novo quando o Pinochet deu o golpe. Foi o caso da Maria do Carmo, que acabou indo parar na Bélgica. A queda do Allende foi um foi um nocaute, e não só pra quem tava exilado.

Roberto Tórtima: Só notícia ruim, só notícia ruim. Já tinha tido Brasil, Argentina, Uruguai, Bolívia, Peru... com exceção da Colômbia, todos os países mais importantes você teve golpe, e o Chile, que foi sim, a grande pancada nas esperanças.

Gisele Lobato: Esse é o Roberto Tórtima. Ao contrário da Maria do Carmo, ele não era da “turma da pesada”, da guerrilha. Na verdade, na década de 70, o Roberto era

só um estudante de economia que não gostava da ditadura. Mas ele nunca pegou em armas nem militou em organização nenhuma.

Roberto Tórtima: E como eu digo, eu tava só na torcida, porque é um período muito sombrio, realmente.

Gisele Lobato: O Roberto é um brasileiro comum, daqueles que não vão parar no livro de história. Ele acordava de manhã, tomava banho, entrava no carro e ligava o rádio.

Roberto Tórtima: Eu colocava sempre ali para ver as notícias, acordar sempre bem informado. Era o que restava pra gente eram essas notícias.

Gisele Lobato: Foi exatamente isso que o Roberto fez no dia 25 de abril de 1974. Só que, quando ele ligou o rádio naquele dia, o que ele ouviu não foi uma notícia qualquer.

Roberto Tórtima: Essa foi uma baita notícia.

Gisele Lobato: Uma baita notícia. Uma notícia tão grande que o Roberto na hora ligou pro irmão dele para contar.

José Carlos Tórtima: Eu estava em casa me preparando para ir trabalhar. Toca o telefone. Naquela época não tinha celular, eu atendo e é o Roberto: "Zeca, acabaram de derrubar o Marcello Caetano".

Gisele Lobato: Esse é irmão do Roberto: o Zeca, ou José Carlos Tórtima, um advogado que tinha sido militante do PCBR — o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Essa organização de esquerda tinha sido dizimada pela repressão. O Zé Carlos foi torturado pela ditadura, perdeu amigos... e foi por isso que o Roberto quis contar pra ele o que tinha acontecido em Portugal. Naqueles dias, os dois irmãos passaram a acompanhar tudo que era notícia sobre a Revolução dos Cravos. E, em uma dessas reportagens, o Zé Carlos viu uma foto que mexeu bastante com ele.

José Carlos Tórtima: Aí eu liguei a televisão, e a primeira imagem que eu vi, uma coisa icônica, são aqueles PIDES todos com as calças arriadas.

Gisele Lobato: Os PIDES de cueca, com as mãos para cima. Eles estavam rendidos. É essa a imagem que vem na cabeça do Zé Carlos quando ele pensa na Revolução dos Cravos. Os PIDES eram os agentes da polícia política do Salazar. Eram eles que faziam os interrogatórios, que torturavam...

José Carlos Tórtima: E aquilo trouxe, para nós, que fomos vítimas dos "PIDES nacionais", aqui, aquilo teve um significado, assim, incrível. Foi uma esperança de liberdade que imediatamente veio.

Gisele Lobato: Quando aconteceu a Revolução dos Cravos, muita gente correu pra porta da PIDE, para extravasar toda a raiva que tava acumulada. Os policiais tentaram resistir, atiraram contra a multidão, mas acabaram tendo que se render aos capitães. Eu encontrei a foto de um desses PIDES de cueca que o Zeca Tórtima viu. Tá lá no site da Rádio Novelo. Ela saiu na edição de 11 de maio de 1974 da Revista Manchete. Nela, dá para ver um homem alto, de bigode, olhando assustado pros militares que estão revistando ele. O homem tá vestindo uma gravata e um suéter debaixo do paletó – mas o que chama a atenção mesmo é a parte de baixo: ele tá sem as calças no meio da rua. De cueca.

Por ter sido um evento fora do Brasil, as notícias sobre a Revolução dos Cravos conseguiram furar a censura do regime militar. E, no meio delas, vira e mexe a gente encontra até umas alfinetadas nos ditadores aqui. Ouve só como começa o editorial daquela revista Manchete:

“Uma ditadura de quase meio século caiu, como um fruto maduro, na semana passada. Sinal dos tempos? Não. O mundo ainda está cheio de ditaduras. Apenas, algumas evoluem ao sabor das contradições ideológicas. Outras, se petrificam no sectarismo.”

Gisele Lobato: Ninguém falou em Brasil, mas a carapuça servia.

José Carlos Tórtima: É claro que o pessoal do DOI-CODI não deve ter gostado disso.

Gisele Lobato: É, o pessoal do DOI-CODI não gostou nada disso.

Naquela altura, tavam circulando rumores de que o Ernesto Geisel – o ditador da época – ia começar a abertura do regime. E os agentes da repressão, claro, tavam preocupados. Se a ditadura ia acabar, daqui a pouco eram eles de cueca nos jornais do mundo todo. Mas essa não era a única preocupação dos militares brasileiros quando eles olhavam pro que tava acontecendo em Portugal. É que a ditadura portuguesa tinha sido derrubada, mas ninguém sabia muito bem o que ia ficar no lugar. E, no meio daquela bagunça, um dos partidos que começou a se destacar foi justamente o Partido Comunista Português. (E olha que o Partido Comunista nem era a coisa mais à esquerda naquele cenário. Mas já já eu explico isso.)

Por enquanto só imagina a cabeça do milico aqui no Brasil, que conseguiu chamar até o Geisel de comunista, olhando pra Portugal e vendo uns 50 tons de vermelho. Deu pane, né? É por isso que uma parte da linha dura no Brasil começou a usar a Revolução dos Cravos pra argumentar que a luta contra o comunismo não tinha acabado. Pra essa galera, o Otelo era o próprio Che Guevara, e esse papo de abertura não era só precipitado... Ele era perigoso.

Tem um documento que circulou no DOPS de São Paulo que é até engraçado. É um relatório do serviço de informações que foi registrado no dia 22 de setembro de

1975. Ele se chama “Portugal e Ultramar. 25 de abril de 74 e suas consequências”. O relatório conta uma história totalmente fantasiosa. Ele diz que tava tudo indo bem em Portugal, até a morte do Salazar. Só que aí o Marcello Caetano assumiu e resolveu fazer uma reforma. Quase uma abertura, sabe? Essa modificação “repentina” foi bem recebida pela opinião pública, mas os setores de segurança tentaram avisar que as coisas iam sair do controle, que Portugal ia ficar vulnerável à ação comunista. Mas ninguém quis ouvir e... toma! Veio a Revolução dos Cravos.

Esse relatório era uma viagem total. O policial do DOPS devia tá se informando por corrente de zap. Mas, pra quem escreveu essa versão da história, ela era conveniente. Porque, no fundo, o que esse documento queria é que aquele papo de abertura acabasse. E o relatório não ficava por aí. Ele também sugeria que comunistas portugueses já tavam se infiltrando no Brasil. E se esses comunistas comessem a treinar guerrilheiros brasileiros?

Tanto Mar - Chico Buarque

Sei que há léguas a nos separar

Tanto mar, tanto mar

Sei também quanto é preciso, pá

Navegar, navegar

Gisele Lobato: E se Portugal exportasse a revolução pra cá?

Tanto Mar - Chico Buarque

Canta a primavera, pá

Cá estou carente

Manda novamente

Algum cheirinho de alecrim

Gisele Lobato: No meu doutorado, eu estudo as reações dos setores de segurança brasileiros ao que aconteceu em Portugal. E uma coisa que se percebe, olhando esses relatórios, é que depois da Revolução dos Cravos os agentes daqui começaram a ficar de olho em todo português que passava pelo Brasil. O que eles vinham fazer, com quem eles falavam. Porque... vai que é um comunista, né?

Mas essa vigilância não se limitou ao Brasil. Os agentes da ditadura brasileira também atuaram lá em Portugal, vigiando os exilados. É que quando veio a Revolução dos Cravos, Portugal virou o novo Chile. Muitos brasileiros se mudaram pra lá sonhando com a liberdade.

Maria do Carmo: Nós estávamos fazendo um passeio... um passeio guiado, porque a gente estava estudando flamengo. Então nós estávamos com o nosso intérprete, nosso professor, indo para Bruges, que é uma cidadezinha medieval maravilhosa, quando eu consegui entender — porque ele não estava traduzindo, de propósito, para forçar a gente a tentar entender alguma coisa — que tinha havido alguma coisa em Portugal. E era o 25 de abril. Eu larguei todo mundo no meio do caminho e fui correndo para Portugal. Não

parei nem pra dar tchau. A minha família foi depois, o Japa, a minha mãe e o meu filhinho pequeno. Larguei todo mundo.

Gisele Lobato: Imagina a cena: a Maria do Carmo tá na Bélgica e ouve no rádio, em flamengo, que tinha acontecido uma revolução em Portugal. Aí ela se despede do novo companheiro dela, o Mário Japa, que também era um militante exilado. Dá um beijo no Juarez – o filho que ela teve no Chile, e que ela batizou com o nome do ex-companheiro... E ela sai correndo, só com a roupa do corpo. Dá um salto cinematográfico pra dentro de um trem que tava partindo naquele minuto pra Lisboa. Tá meio exagerada essa história, né?

Maria do Carmo: Ele tá rindo de mim, o cretino.

Gisele Lobato: É um exagero, mesmo.

Mário Japa: Ela disse que foi imediatamente, mas levou um tempo. Ela só foi lá em agosto de 74 e aí eu fiquei, mas eu cheguei lá em dezembro de 74.

Gisele Lobato: Alguém resolveu botar ordem na história.

Mário Japa: Bom, eu sou conhecido na esquerda como Mário Japa. Na verdade o meu nome é japonês, tem que soletrar e é insoletrável: é Chizuo Osava. Para não ficar soletrando sempre, eu adotei na minha vida profissional o tal Mário. Então, tem gente que me conhece como o Mário e não sabe que eu sou Chizuo e tem gente que me chama de Japa e nem sabe que eu sou Mário.

Gisele Lobato: A Maria do Carmo e o Mário Japa tavam vivendo na Bélgica desde o golpe no Chile. Eles tinham a proteção da ONU, por serem refugiados... Eles tinham bolsas de estudos... Mas eles tinham um problema.

Maria do Carmo: A Bélgica é o país mais chato do mundo. Ninguém fica lá porque quer.

Gisele Lobato: A verdade é que eles se sentiam muito sozinhos ali. As pessoas eram mais fechadas, e tinha a questão do clima, da falta de sol. Eles não tavam em casa.

Maria do Carmo: Mamãe resumia a situação da seguinte maneira: chegar em Portugal era chegar em casa e botar chinelo velho.

Gisele Lobato: A Maria do Carmo precisava do conforto de um chinelo velho depois de tantos anos vagando pelo mundo. Falar português, reencontrar alguns companheiros de luta.

Grândola, Vila Morena

Em cada esquina, um amigo

Grândola, Vila Morena

Terra da fraternidade

Gisele Lobato: A comunidade brasileira em Lisboa era bem grande. Não tinha só gente das guerrilhas. Tinha também políticos, intelectuais, artistas... Muita gente que nunca pegou em armas, mas também que foi expulsa do Brasil pela repressão. Em Portugal, a Maria do Carmo e a mãe dela foram trabalhar em um projeto de alfabetização de adultos no Norte do país. A população do interior de Portugal ficou bastante isolada nos tempos da ditadura.

O Otelo chegou a me contar que, quando os militares foram pra essas aldeias, explicar a revolução, era comum que as pessoas se trancassem com medo em casa. Elas escondiam as imagens de santos, porque o padre local tinha dito que os comunistas tavam chegando e iam confiscar tudo. Se pá eles até iam até fazer uma fogueira com as cruces, pra cozinhar as criancinhas. A Maria do Carmo teve bastante trabalho por ali. Mas não só ela. Lembra que eu falei que esse era o tempo das utopias? Depois de 50 anos de ditadura, os portugueses queriam tirar o atraso rápido. E esses meses que se seguiram à revolução foram marcados por muitas lutas. Das mulheres, dos operários, dos camponeses sem-terra. Muitos trabalhadores ocuparam os latifúndios e as fábricas. Eles queriam uma vida melhor do que eles tinham nos tempos do Salazar.

Quando a ditadura caiu em Portugal, não tinha muito espaço pra não ser de esquerda... Porque tinham sido 50 anos de ditadura de direita, então até os liberais vinham com o papo de: “Não, veja bem, eu também li Marx na juventude...” Os militares tinham assumido o poder pra comandar a transição do país pra democracia. Só que a maioria deles não entendia nada de política. Eles entendiam de guerra. Só que a política, às vezes, também é uma guerra. E no fundo foi isso que aconteceu.

Quando os capitães quiseram acabar com as guerras lá da África, eles se meteram em uma outra guerra: a guerra pra definir quem ia ficar no poder. E quem tava nessa disputa? Bom, no começo tinha o general Spínola — aquele que tinha publicado o livro e foi demitido, lembra? Ele não tinha sido do movimento dos capitães, mas os capitães escolheram ele pra ser o primeiro presidente. Só que eles logo brigaram, porque o Spínola ficou contra a independência de Angola, e os capitães não gostaram disso. O Spínola depois tentou dar um golpe, fugiu pro Brasil, mas isso é outra história.

Quando o Spínola saiu de cena, ficaram três grupos. Eu já falei de um: o Partido Comunista Português. Eles tinham resistido durante décadas na clandestinidade, e eram fortes. O líder deles, o Álvaro Cunhal, chegou a ser preso pela PIDE, mas conseguiu fugir da cadeia e se exilou na União Soviética. Além dos comunistas, tinha os socialistas, que queriam construir uma social-democracia, com um

capitalismo humanizado. Esse era o partido do Mário Soares, que talvez você conheça, porque depois ele foi primeiro-ministro, presidente...

O Mário Soares também tinha sido perseguido pela ditadura do Salazar. Ele tava na França durante a Revolução dos Cravos. Ele era o cara com mais contatinhos na Europa – e, no governo de transição, deram pra ele o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros. Os americanos não iam muito com a cara dele no começo, achavam ele esquerda demais... Mas ele convenceu os americanos a apostarem nele contra os comunistas. Acho que deu pra sentir a Guerra Fria se desenhando aí, né?

Só que eu falei que eram três grupos. E o terceiro tava ainda mais à esquerda que todo mundo – e era justamente o grupo do Otelo. O Otelo tinha ganhado muito prestígio como estrategista da Revolução dos Cravos. E, nesse governo de transição, ele acumulou dois cargos tipicamente militares. Ele passou a comandar a região militar de Lisboa, e, ao mesmo tempo ele virou o comandante do Copcon, o Comando Operacional do Continente. O Copcon era tipo um mini Estado-Maior. O objetivo dele era vigiar e combater qualquer tentativa de contrarrevolução. Ele tinha que garantir que Portugal ia seguir direitinho, até a democracia, igual os capitães tinham planejado.

Só que o Otelo nunca escondeu que ele fez o Copcon extrapolar – e muito – a função militar dele. Sob o comando do Otelo, o Copcon passou a defender o que eles chamavam de “poder popular”. Que é literalmente isso: a ideia de que quem manda é o povo. O Otelo acreditava numa espécie de democracia direta, que era construir um governo de baixo para cima. A inspiração deles eram os soviets, os conselhos operários do começo da Revolução Russa. O Otelo era contra isso de vir um partido e dar uma ordem e todo mundo obedece. Ele queria que fossem os trabalhadores a tomar as decisões.

O Copcon virou o grande SAC do país, uma central oficial de reclamações: “O patrão não pagou o salário direito e você quer ocupar a fábrica, é isso? Só um minuto que eu vou estar acionando o setor responsável... Pronto, já solicitei um envio de tropas para dar cobertura. Te ajudo em algo mais?”

Lembra que falei que, praquela Otelo da foto no cartaz – aquele que eu encontrei no móvel-bar – tudo parecia possível? Eu não tava exagerando. Ele realmente achou que era.

Otelo Saraiva de Castro: O povo fez coisas notáveis a seguir ao 25 de abril, que ultrapassaram largamente as expectativas, as nossas expectativas, e mesmo as minhas.

Gisele Lobato: O Otelo ficou surpreso de ver como o povo português agarrou a liberdade naqueles meses. É que a ditadura tinha feito dos portugueses um povo muito comportado, submisso. Até a revolução, que foi uma explosão de alegria.

Mário Japa: Nesse período, lá, depois do 25 de abril, era uma coisa... o português não se reconhecia mais. Na rua, caminhando, fazendo festa... era tudo festa.

Maria do Carmo: As pessoas ficavam na rua a madrugada inteira, batendo papo, conversando sobre como é que ia ser Portugal. Uma coisa linda de ver.

Gisele Lobato: Parecia que tudo era possível. Mas não era. E nem todo mundo tava feliz.

Maria do Carmo: Eu me lembro que eu chorava muito porque eu queria que o Juarez, meu primeiro marido, tivesse tido a chance de ver aquilo, um povo comemorando a sua liberdade. No primeiro réveillon, eu lembro que estava todo mundo feliz nesse primeiro réveillon e eu chorando, desesperada. Não era só do Juarez, os outros amigos todos que tinham morrido sem ver vitória nenhuma. E a gente estava vendo uma vitória, né?

Gisele Lobato: O que a Maria do Carmo chama de vitória durou pouco. Quer dizer, Portugal virou um país democrático, a vida das pessoas efetivamente melhorou. Mas teve um dia em que a revolução acabou. Acabou essa utopia de um país governado pelo povo. Em 1975, o país tava à beira de uma guerra civil. E era uma disputa dentro da esquerda. A esquerda mais moderada, que conquistou a confiança dos Estados Unidos. E tinham também os comunistas e o pessoal do Otelo... que, cada um do seu jeito, queria levar a revolução até o fim. Uma parte deles tentou fazer isso, em novembro de 1975.

É até difícil de dizer quem tentou dar um golpe, porque parece até aquele meme do Homem Aranha, cada um aponta pro outro. Na prática, o que aconteceu foi: no dia 25 de novembro de 1975, algumas unidades militares se rebelaram. Só que ninguém apareceu pra ser líder. Acharam que podia ser coisa do Otelo, porque ele sumiu por umas horas... mas aí ele reapareceu do nada pra acompanhar a reação ao levante. Muita gente acredita que foi o partido comunista que organizou tudo e pulou fora na última hora. Mas os comunistas sempre insistiram que não foram eles.

Bom, o que se sabe é que os militares moderados tavam só procurando uma oportunidade pra jogar a esquerda mais radical para escanteio. E, no final, foi isso que aconteceu.

Tanto Mar - Chico Buarque

Já murcharam tua festa, pá

Mas certamente

Esqueceram uma semente

Em algum canto de jardim

Gisele Lobato: Foi depois desse episódio que o Otelo tentou ser presidente e perdeu. Dali pra frente, a vida dele foi tomando um rumo que fez ele perder a imagem de herói. Pra muita gente, o Otelo virou vilão. Nos anos 80, ele foi acusado

de liderar uma organização terrorista de extrema-esquerda: as Forças Populares 25 Abril, que fez atentados, deixou mortos. O Otelo negou que ele era o líder da organização, mas ele foi condenado, preso e só não passou mais tempo na cadeia porque recebeu uma anistia.

E, depois de sair da prisão, ele acabou virando uma figura meio folclórica. Virava e mexia ele aparecia no noticiário de fofoca – por exemplo quando ele assumiu que era bígamo, que tinha duas mulheres. E nos anos 90, ele também resolveu resgatar o sonho de ser ator... e acabou indo parar num filme erótico sobre a Revolução dos Cravos. Foi um escândalo. E ele ainda brocha no final.

Desculpa o spoiler, mas é que eu precisava te convencer a procurar imediatamente esse filme no Google. Ele se chama “25 de abril, uma revolução falhada”. Vai por mim, isso também é revolucionário. Era um tapa na cara dos caretas, né? Eu entrevistei o Otelo no auge da crise econômica portuguesa. Não tinha emprego. Quem podia, emigrava. Muita gente tava penando, e o Otelo tava bastante amargurado. Pra ele, o país tinha perdido uma oportunidade única.

Otelo Saraiva de Carvalho: Todos os dias na rua, quando me reconhecem, vêm ter comigo na rua. “Ô, camarada, temos que fazer outro 25 de abril!”. Temos? Temos quem? Quem é que faz? “Ah, o camarada podia pá e tal”. Eu? Com quem? Com quem é que se pode fazer alguma coisa? É um desgosto e uma desilusão...

Gisele Lobato: O Otelo morreu em 2021, aos 84 anos. Muita gente lembrou das polêmicas em que ele se meteu, mas ninguém negou o papel crucial que ele teve na Revolução dos Cravos. Quando murcharam a festa em Portugal, a Maria do Carmo e o Mário Japa decidiram ir embora. Eles foram passar um tempo em Luanda, onde o Movimento Popular de Libertação de Angola tinha conquistado o poder depois da independência. Mas, em 1977, eles resolveram voltar pra Portugal. É que eles sentiram um cheirinho no ar...

Maria do Carmo: A gente intuiu a anistia.

Gisele Lobato: Um cheirinho de alecrim. A anistia era o passaporte que os exilados brasileiros tavam esperando pra poder voltar pra casa. Em Lisboa, tinha até uma organização lutando por ela, que ficava debaixo do apartamento da Maria do Carmo. Era o Comitê Pró-Anistia Geral no Brasil, por onde passaram políticos como Carlos Minc, Alfredo Sirkis, Moema São Thiago... A palavra anistia tava tão presente na casa da Maria do Carmo que entrou para o vocabulário até do filhinho dela. O Juarez tinha uns seis anos nessa época, e ele não tinha criança pra brincar com ele lá em Portugal. E, nessa altura, — 78, 79... — os portugueses já não faziam mais muita festa pelas ruas de Lisboa. Com uma exceção.

Todos os anos, na noite de Santo Antônio, em junho, Lisboa é palco das marchas populares. Cada bairro da cidade organiza uma marcha, que é como um bloco de carnaval, e eles competem entre si para ver qual bairro faz a festa mais bonita.

O desfile das marchas acontece na Avenida da Liberdade – a mesma por onde o Otelo botou uma coluna de tanques bem espalhafatosa pra servir de isca no dia da revolução. E era lá que a Maria do Carmo e a família dela esperavam pela anistia. Na Avenida da Liberdade. Um dia o Juarez tava brincando pelo prédio quando viu as marchas populares descendo a Avenida da Liberdade, numa grande festa.

Mário Japa: Era uma marcha de coisa folclórica, era o que seria aqui... o que correspondia aqui à coisa de festa junina. Exatamente em junho, tem lá o pessoal, vinha lá com as bandas, tocando, colorido, vestido e tal. Então ele deu uma corrida de uma ponta a outra. Então eram uns 50 metros de corrida, gritando "é a anistia, é a anistia que está chegando ali!", porque eles desfilavam cantando e tocando.

Gisele Lobato: Era uma festa tão alegre que só podia ser ela, a anistia. O Juarez tinha só seis anos, e até ele, que não respondia a crime nenhum, que mal tinha pisado no Brasil, até ele tava ansioso pela anistia. A Lei da Anistia foi sancionada em agosto de 1979. Foi ela que permitiu que a família da Maria do Carmo voltasse pra casa, que o Juarez criança visse a liberdade que o Juarez guerrilheiro não pôde ver. A Maria do Carmo já tinha chorado muito por causa disso, e agora ela tava livre. Mas isso teve um preço, porque os responsáveis pela morte do primeiro Juarez também estavam.

Maria do Carmo: Tá todo mundo solto aí, no poder. Todos estão iguais. Não aconteceu nada com ninguém. E olha que tinha uns que bem mereciam.

Gisele Lobato: A Lei da Anistia valeu pros dois lados: tanto para quem lutou contra a ditadura, como pra quem vestiu um uniforme do Estado pra torturar, perseguir e matar. Pra maioria desses agentes do Estado, nunca aconteceu nada. Mas teve um deles que precisou encarar o passado.

José Carlos Tórtima: O meu maior algoz foi um policial civil convocado chamado Boneschi.

Gisele Lobato: Esse, de novo, é o Zé Carlos Tórtima.

José Carlos Tórtima: Boneschi, que depois serviria como mercenário na África, em Angola, e a informação que eu tive é que ele voltou de lá doente, com uma doença que ele pegou lá, que não se curou. Outros dizem que não, foi porque fumava muito e tal, mas o Boneschi acabou morrendo no Brasil, já nos anos 80. Tá, mas esse foi o principal, meu principal torturador.

Gisele Lobato: O detetive-inspetor José Paulo Boneschi foi um dos fundadores do Grupo de Operações Especiais do antigo estado da Guanabara. Essa é uma das primeiras tropas de elite do Rio. Mas o nome do Boneschi também aparece na lista de torturadores denunciados pelo projeto "Brasil, Nunca Mais". Com a abertura, o Zé Carlos Tórtima fez uma carreira bem sucedida como advogado criminalista. Ele chegou a ser chefe da Defensoria Pública do Rio, foi diretor de presídio. E, por

causa do trabalho dele, ele fez alguns amigos na polícia. Amigos que sabiam o que ele tinha passado na ditadura. E um dia, entre um cafezinho e outro, chegou uma fofoca no ouvido do Zeca.

José Carlos Tórtima: Ele diz 'pô', o Boneschi tá pegado, tá lá na hemodiálise, tal, no hospital, no Hospital de Servidores do Estado e tal...

Gisele Lobato: Já fazia anos que o Zeca tinha saído da militância, mas aquilo que ele tinha vivido lá atrás não tinha saído dele. Ele passou uns bons anos fantasiando com os torturadores dele de cueca, humilhados na rua. Isso nunca aconteceu. A anistia, lembra? Ampla, geral e irrestrita. Mas aquela punição específica, a punição do Boneschi, essa tava no alcance da mão do Zeca.

José Carlos Tórtima: Naquela época, você pegava o catálogo e tinha o nome da pessoa e até o endereço. Era Jacarepaguá. Aí eu liguei. "Por favor, o José Boneschi?" "Quem quer falar?" "Sou o José Carlos Tórtima, lá do DOI-CODI, ele vai lembrar e tal". Mas ele não lembrava, claro. "Aê, garotão, tudo bem?" "Não, garotão o caralho. Não liguei aqui pra confraternizar, não. Soube que você tá pagando pelos teus pecados..."

Gisele Lobato: O Zeca sabia que o Boneschi tava morrendo. E ele fez questão de dizer que aquilo não era por acaso.

José Carlos Tórtima: "Isso foi uma praga que eu te roguei e pegou!"

Gisele Lobato: O Boneschi xingou de volta.

José Carlos Tórtima: "Praga de crioulo não pega em cavalo branco", nunca esqueço. "Então você vai ver, mês que vem eu vou te ligar outra vez."

Gisele Lobato: E no mês seguinte, o Zeca ligou de novo, mas o Boneschi não xingou de volta.

José Carlos Tórtima: E aí ele desabou. "Pô, meu irmão, eu tava cumprindo ordens". "Pô, Boneschi, uma ordem dessas não se cumpre". "Você pode não acreditar, mas eu estou profundamente arrependido e peço que você me perdoe. Vem tomar um café comigo, vem conhecer minha família e você vai ver o que eu estou dizendo a verdade." Aí, nessa hora, o ódio acabou. "Eu não vou tomar café, não dá. Mas do fundo do coração eu te perdoo. Que você consiga se recuperar e ter um resto de vida com uma outra visão das coisas". "Não, você tenha a certeza". Um mês depois, ele morreu.

Gisele Lobato: O Golpe de 64 no Brasil completou 60 anos por esses dias. E o governo não organizou um ato oficial pra lembrar a data. Fugir dessa memória deixa sem respostas mães que estão há décadas sem saber o paradeiro dos filhos. Mas não só. Esse silêncio também impediu que outros homens tivessem a oportunidade

que o Boneschi teve, de ter uma outra visão das coisas. De pedir perdão. De morrer em paz com a própria consciência.

Porque esse é o único jeito da gente se livrar desse fantasma, que assombra a gente até hoje. Portugal também tem problemas com o passado – sobretudo com o passado colonial, escravocrata. Não é à toa que o país tá passando agora por essa onda de xenofobia. Mas, mesmo assim, todos os anos, a população portuguesa ainda desce a Avenida da Liberdade pra celebrar o 25 de abril. Nesse dia, todo mundo carrega um cravo nas mãos, pra que ninguém se esqueça do que foi a ditadura. E pra que ela nunca mais aconteça.

Branca Vianna: Essa foi a Gisele Lobato, colaboradora da Rádio Novelo.

Obrigada por escutar mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Essa semana, no post do episódio no nosso site, tem material à beça pra você passar o resto do seu fim de semana aprendendo mais sobre a Revolução dos Cravos. E também tem todas as coordenadas pra quem quiser mandar uma sugestão de pauta pra gente. E se você for comentar sobre esse episódio nas redes sociais, não esquece de taggear a gente – nosso arroba é radionovelo, no Twitter e no Instagram.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

Nesse episódio, a gente usou música original de Aline Gonçalves, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.